

Da memória à invenção, a literatura como compromisso ético

Ronaldo Cagiano

*Esta é a utilidade da memória:
libertação. T. S. Eliot*

Das muitas leituras que podemos fazer de uma trajetória de vida ou de uma obra literária, a que melhor pode refletir o homem ou definir o escritor é o sentimento de indignação. Refiro-me àquele que nasce do espírito e da consciência de quem, ao olhar o mundo, é capaz de extrair dessa mirrada a sua permanente visão crítica, como farol para seu posicionamento diante das questões que afetam o homem e repercutem na vida da sociedade.

A vida e a literatura de Emanuel Medeiros Vieira, autor de cerca de duas dezenas de livros, são a fiel ressonância de sua imensa preocupação com o individual e o coletivo e com nossa infalível transitoriedade. No conto, na poesia, no romance, na crônica ou nas intervenções jornalísticas, percebe-se um escritor mergulhado profundamente nos dramas cruciais que dizem respeito ao ser e seu lugar no mundo.

Herdeiro de uma tradição literária humanista, Emanuel vem construindo sua bibliografia dentro de uma perspectiva crítico-filosófica em que a problemática existencial é tema recorrente em sua obra. A passagem do tempo, a morte, o sucateamento dos valores éticos e morais, o enterro das utopias, a incomunicabilidade do homem contemporâneo na sociedade globalizada (seduzido pelos fetiches do deus-mercado) e seu consequente isolamento num tempo de coisificação e etiqueta vêm sendo mapeados pelo autor desde seus primeiros trabalhos poéticos e ficcionais.

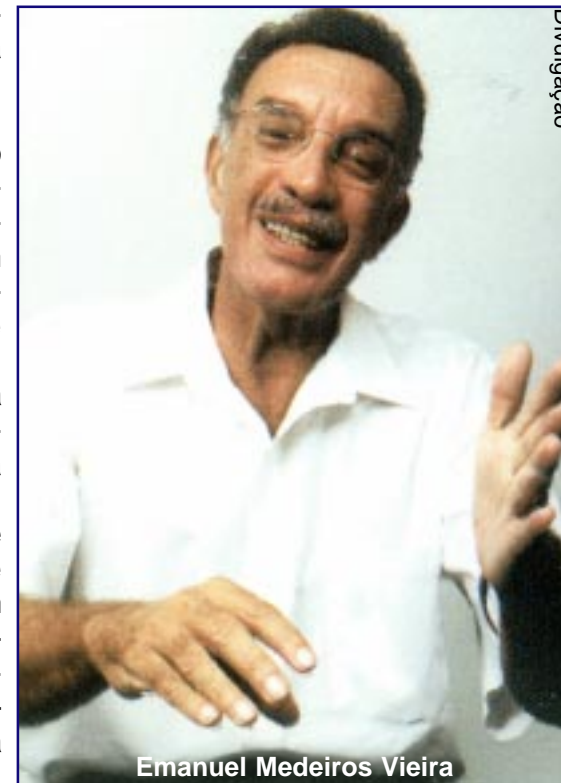
Ainda há pouco, Emanuel experimentou uma prova de fogo em

sua caminhada. Vitimado por uma infecção que afetou todo seu metabolismo, viveu seu apartheid psicológico num leito de hospital por um longo período, considerado um divisor de águas em sua vida, quando esta quase lhe escapava, bombardeada por um desconhecido invasor. Foi quando escreveu um obra tão pungente quanto arrebatadora, em que passou em revis(i)ta à sua trajetória pessoal e intelectual, legando um testemunho literário emocionante, inventário e balanço dessa hercúlea travessia. *Cerrado desterrado* (Ed. Thesaurus, DF, 2008), primeiro volume de uma obra de cunho memorialístico e intimista, mas sem o vezo da autocomiseração ou sentimentalismo, abriga uma densa e (in)tensa indagação existencial. Vieira nos dá a conhecer a sua terrível experiência da enfermidade, ao mesmo tempo em que faz um metuculoso e introspectivo encontro de contas com o passado (tanto o pessoal como o político). Nesse texto candente, rememora suas lutas, discute temas hoje tão negligenciados na literatura e na arte, percorre os tempos difíceis da ditadura (quando colocou sua palavra a serviço da luta e da esperança), relembra os amigos, recolhe depoimentos dos companheiros de luta, enfatiza os livros de cabeceira (os autores que influenciaram sua formação moral, espiritual e filosófica) e valoriza as relações afetivas e culturais. Nesse trânsito entre o passado e o presente, flertando com a realidade, a invenção e a memória, expõe a coerência dos propósitos que não morrem, sem envergonhar-se das ilusões que ainda alimentam sua alma, porque, apesar das contradições e dicotomias da era moderna, ainda crê na vida e faz da literatura sua catarse, seu salto dialético, sua ponte sobre os escombros da própria civilização.

Todo o trabalho de Emanuel - desde seus primórdios como estudante em Florianópolis e Porto Alegre - até radicar-se em Brasília, onde

desde 1979 exerce a assessoria de imprensa na Câmara dos Deputados, é um testemunho de seu inesgotável "sentimento do mundo". Em seus livros, o poema ou a narrativa não se esgotam num simples projeto editorial ou mercadológico, é uma confissão íntima, uma declaração e uma confiança no trabalho criativo como êmulo de sua razão de ser e viver. Como Alfredo Bosi, que entende que "só a arte é capaz de tirar o homem de sua total imbecilidade", ou Fernando Pessoa, para quem "toda literatura é sempre uma expedição à verdade", Emanuel concebe seus livros como instrumento para se entender o mundo, para vencer a solidão, para não quedarmos na insularidade e para compreender nossas fraquezas e limitações. Acima de tudo, para ir fundo, cada vez mais fundo, doa o que doer - e a quem doer - naquilo que incomoda, avilta, humilha e nos apequena, seja na vida, na literatura, na política ou na história das instituições. Seus livros, como um rio, como um mosaico, são vertentes e repositório de seu fluxo onírico, são expansões de seu aguçado senso de observação, são contundentes e vulcânicas extrapolações de um inconsciente que vasculha os escuros da alma, os infernos da vida e as mazelas da morte.

Com sua prosa visceralmente inquieta (e inquietante), EMV deixa uma valiosa contribuição, como autor e como homem, à inteligência e à bibliografia nacional, embo-



Emanuel Medeiros Vieira

Divulgação

ra injustamente negligenciado por uma lógica editorial perversa do hegemônico e monopolista eixo Rio-SP. Seus livros são um repositório de ideias, sonhos, posições e preocupações com o nosso destino, o que mais uma vez se confirma no recém-lançado romance *Olhos azuis, ao sul do efêmero* (Ed. Thesaurus, DF, 2009), quando retoma a sua inesgotável capacidade ficcional e fabulatória, sem deixar de lado nas suas histórias o viés que sempre deve marcar a passagem do homem pela Terra, que é jamais perder sua disposição para se indignar diante das injustiças, do caos, do fracasso das ideologias e da derrocada dos valores. Como Borges, o autor catarinense também entende que "A literatura é revanche de ordem mental contra o caos do mundo."

Ronaldo Cagiano é mineiro de Cataguases, autor de *Canção dentro da noite* (poesia) e *Dezembro indigesto* (contos), dentre outros. Vive em São Paulo.

Os 20 Anos do LV em Piracicaba

Linguagem Viva realizou evento comemorativo dos 20 anos de fundação do jornal, no dia 31 de outubro, no SESC Piracicaba, com apoio do Clube Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba e da Academia Piracicabana de Letras. Na ocasião foi prestada homenagem a Adriano Nogueira, fundador do periódico, que faleceu em 2004. LV agradece a presença de todos.



Rosani, Ivana, Silvia Oliveira, Irineu Volpato e Chico Mello

Evaldo Vicente, proprietário d' *A Tribuna Piracicabana* falou sobre o homenageado e sobre a parceria de 20 anos. O evento contou com a presença de Henrique Cocenza, que representou a APL, de Ivana Maria França de Negri, coordenadora do CLIP, de João Nogueiros Souza Athayde, coordenador do GOLP, de Ana Marly Jacobino, coordenadora do Sarau Literário, de amigos, da cunhada Célia e dos irmãos do Adriano, Eduardo e Antonio Nogueira.



João Athayde, Carmen Pilotto, Ruth Assunção, Lidia Sendin, Wilma Gorgulho, Ivana Negri, Leda Coletti e Esther Vacchi Passos

Os Invasores

Rodolfo Konder

Manchas azuladas na parte interna do antebraço esquerdo, foi como tudo começou. Agrotóxicos? Praias invadidas pelos esgotos? Nunca ficaste sabendo.

Estiveste em vários especialistas, tomastes quilos e litros de remédios amargos e doces, visitaste homeopatas. Nada. Surgiram estranhas dobras sob os olhos e nos cantos da boca. Logo elas se multiplicaram, na testa e nas mãos. Peixes envenenados? Verduras contaminadas?

Manchas, caroços, dobras e ranhuras invadiram teu corpo. Parcias praia de domingo, no Guarujá ou em Ipanema: coberto de restos, marcas, escombros. Então, reagiste com energia total.

Conversaste com médicos, umbandistas, acupunturistas, massagistas, alquimistas. Ninguém podia deter a invasão. Batido na primeira a linha de combate, decidiste recuar.

A carne tornou-se flácida, os músculos perderam o vigor. Braços e pernas já não obedeciam ao teu comando. A partir deste momento, deixaste que te colocassem numa cadeira de rodas, cansado de esgrimir.

Bebeste óleo do Litoral Norte, respiraste isocianato de metila. Os alimentos perderam o gosto, a paisagem parecia incolor, os sons já não tinham música. E tudo aquilo era claramente parte de uma conspiração.

Mesmo em cadeira de rodas, levaste tuas suspeitas aos políticos amigos. Houve os que não te ouviram, houve os que passaram a lutar ao teu lado. Alguns já estavam internados, quando os procuraste. Também tinham sido atacados pelos insidiosos invasores.

Sem olfato, sem gosto, sem tato, sentiste que um líquido pegajoso inundava teus pulmões. Era uma gosma amarelada, que quase

te impedia de respirar. No estômago, os invasores corroeram as mucosas, de forma implacável. Impediam assim que a digestão dos alimentos te devolvesse a forma. Fizeram apodrecer teu fígado e petrificaram teus intestinos, para consumir a ocupação.

Vês braços inertes, estendidos, exangues, ao longo do corpo abandonado. As mãos enrugadas, cheias de nódoas e caroços, parecem inatingíveis, de tão distantes. Os pés, então, devem estar além da fronteira estadual com suas unhas imensas e retorcidas. Estarás transformado numa ave de rapina?

Agulhas, pinças, bisturis – os invasores têm um considerável arsenal de armas leves. Mas também possuem armas pesadas, como ogivas e submarinos. Às vezes usam farda; às vezes, aventais. Ou terno e gravata, simplesmente.

Eles recorrem à cibernética, à informática, à psicoterapia, à física nuclear. Recorrem igualmente à magia, ao vudú, à burocracia, à premonição. Seus conhecimentos não têm limites, nem sua arrogância.

xxx

Olhas pela janela, uma chuva esverdeada cobre os prédios lacerados. Sabes que os invasores preparam o assalto final ao teu cérebro – último reduto da tua vontade de resistir.

As pessoas te cobrem de flores de plástico. Olham cheias de piedade o corpo que abandonaste. Pensam que estás derrotado pela velhice. Acreditam que és apenas um ancião moribundo, para quem não há ajuda possível. Jamais poderiam supor que mal completaste os trinta anos – e que, em breve, todas elas também serão invadidas. E morrerão como vermes.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor e representante da ABI em São Paulo.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 54,00

Assinatura Semestral: R\$ 27,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Profa. Sonia Adal da Costa

Aulas Particulares

Revisão

Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Boa Noite, Israel Dias Novaes

Gabriel Kwak

Se tive cinco mestres na vida, poderia alinhar Israel Dias Novaes (1920-2009), falecido em junho último, entre um deles, embora tenha privado de sua inteligência fulgurante na última fase de sua vida. Entrevistei-o pelo menos meia dúzia de vezes, sobretudo na sua casa da Rua Luxemburgo. Eu colecionava incansavelmente suas tiradas, seus epigramas, seus *mots d'esprits*, seus impagáveis "causos" caipiras inspirados em Avaré e região, todas essas manifestações em que se revelavam seu raciocínio rápido no gatilho e sua verve, que esgrimiu por anos em artigos, ensaios, reportagens, conferências, prefácios, dedicatórias, apartes parlamentares que desnorream o oponente na tribuna. Recupero aqui uma das *boutades* de Israel dita a este repórter e confrade sobre um seu adversário político em Avaré: "O Romeu Bretas prestou grandes favores à minha família. Prendeu todos..."

Israel gostava de dizer que sempre foi sobretudo repórter – por 30 anos respondeu pelo cargo de redator-chefe do velho diário *Correio Paulistano*. Salientaria, entre dezenas de outras missões que lhe couberam ao longo da sua vertiginosa vida, também o agitador cultural, o mecenas. Quantas agremiações culturais e literárias talvez não teriam fechado suas portas não fosse o concurso de Israel a lhes dar alma, entidades como a Academia Paulista de Jornalismo, o Instituto Genealógico Brasileiro, a Ordem dos Velhos Jornalistas e o Instituto His-

tórico e Geográfico. Recordaria também o amigo e confidente de Mario de Andrade no legendário endereço deste último, na Rua Lopes Chaves; o intérprete arguto da obra imaginosa de Monteiro Lobato; o homem de confiança do prefeito Prestes Maia; o biógrafo definitivo de Fagundes Varela e do chileno Pablo Neruda; o implacável e irônico adversário do então governador Adhemar de Barros na Assembléia Legislativa.

Acaricio sobre a minha mesa de trabalho seu último livro, que reúne seus artigos no jornal acadêmico *O Libertador*, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, órgão que vergastava a ditadura do Estado Novo, que encarcerou Israel nove vezes.

Não resisto em resgatar aqui, nestas linhas desengonçadas, outro exemplo de desafiadora bravura moral do homem público e do parlamentar escoreito que o acadêmico foi. Em 1968, não hesitou em enfrentar o regime militar ao defender o mandato do seu colega de Câmara dos Deputados, Marcio Moreira Alves, que o governo queria processar na Justiça. Esse gesto destemido custou a cassação do mandato de Israel em consequência do nefasto AI-5.

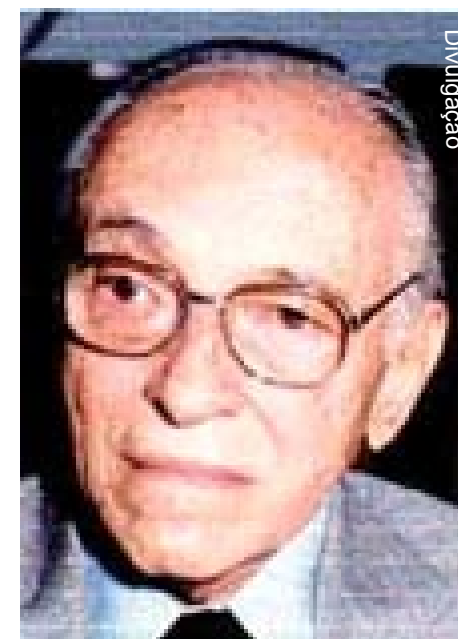
Entre tantas e tamanhas iniciativas parlamentares de Israel avulta o Seminário sobre Censura organizado e presidido por ele na Câmara dos Deputados, em pleno regime militar. O simpósio constitui talvez o mais notável manancial de estudos, testemunhos e intervenções sobre o assunto, até então tabu, antes do pioneiro certame. As contribuições dos artistas, professores e estudan-

tes merecem ser resgatadas do olvido e enfeixadas em livro, mais um a enriquecer a bibliografia do seu principal dínamo: Israel Dias Novaes.

Galhardamente, sua zelosa filha, minha amiga Maria Amélia Novaes, fez editar nos últimos anos muitos dos imperdíveis textos de Israel, que até então se encontravam infelizmente dispersos em arquivos, coleções de periódicos e Anais legislativos. Títulos como a coletânea *Revisão de uma Jornada* e a envolvente fotobiografia *Um Paulista de Avaré*, todos confiados à supervisão editorial de Paul González, valorizados por simpaticíssimo projeto gráfico e enriquecidos por introduções esclarecedoras e aturadas. Antes, só podíamos saborear uma antologia dos ensaios e perfis de Israel se folheássemos um esgotadíssimo livreto seu dos anos 80 intitulado *Papel de Jornal*, impresso mesmo em papel de jornal...!!! Nunca cansemos de aplaudir o inestimável serviço de utilidade pública prestado por Maria Amélia!!!

Aliás, guardo a impressão de que Israel experimentou uma velhice muito feliz, muito doce. Parecia-me que, no seu outono, ele foi bastante aconchegado pela sua família, que o cercava de caloroso carinho, preservando-o de ruinosos desgastes físicos e emocionais. Sua quixotesca vida intelectual sempre encontrou porto seguro no companheirismo de sua amada esposa, Marina.

Em se tratando do Israel bibliófilo, eterno enamorado das estantes, devo acrescentar que sua brasileira talvez constitua a mais notável coleção particular de que tenhamos notícia. Seu acervo de 30 mil volumes ricamente encadernados hospedam preciosidades como alguma correspondência trocada entre D. Pedro I e a Marquesa de Santos e os originais datilografados do clássi-



Divulgação

Israel Dias Novaes

co *Raízes do Brasil*, com emendas feitas de próprio punho por Sérgio Buarque de Holanda. Em sessão dedicada à sua memória na Academia Paulista de Letras, José Mindlin, outro inextinguível colecionador, consagrou a Israel emocionado pronunciamento.

Muito mais teria a ajuntar sobre o que representou Israel Dias Novaes para esta Academia como também para o jornalismo, para as letras, para a bibliofilia, para o Parlamento, para a Academia Paulista de Letras – que presidiu exemplar e empreendedora, mas prefiro deter a palheta para ficar apenas nessa breve aquarela do incomparável mestre e semeador de beleza. "A morte não extingue, transforma; não aniquila, renova; não divorcia, aproxima", assinalava o imortal Rui Barbosa.

Requiescat in pace, Israel Dias Novaes, meu tipo inesquecível!!!

Gabriel Kwak é jornalista, escritor e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

O Poliedro da Crítica de Fábio Lucas

Rogério Zola Santiago

De onde vêm os pesadelos? Para responder ao poliedro, digo que eles surgem da escuridão. Sonho, realismo e sofrimento de quem permanece para responder à pergunta de Fábio Lucas: “Por que escrevemos?” Assim, ponderamos: são a causa da prática da escrita os inquiridores personagens recorrentes, inseridos em contextos datados na geografia dos tempos, ou culpados são os autores que forjaram a História da Literatura – tornando-se modelos de produção? Pois todos esses fatores estão presentes no suceder de capítulos de *O Poliedro da Crítica*, – numa geometria que denota a forma equilibrada. Trata-se de saborosa arquitetura sobre a arte de criticar, avaliar e montar um julgamento sobre textos alheios. A meta do crítico é expor uma avaliação embasada à opinião pública que se torna “armada” – segundo o autor – para o entendimento e a apreciação possivelmente seguida de deleite.

O livro de Lucas desponta numa cuidada edição de 2009, pela Editora Calibán, especializada em trabalhos de envergadura. O título indica a composição multifacetada, multidisciplinar e complexa do trabalho ensaístico (que explora um tema ao máximo) e ao mesmo tempo crítico (pois apresenta juízo de valores). Ao ler, passamos a sentir prazer – pela generosidade do texto profícuo – e incômodo. Isto devido ao fato de, no início, acharmos que apenas um analista da dimensão de Fábio Lucas possa capturar tanta informação e conhecimento – e expor idéias a partir dali de modo eficiente. Porém, com o virar das páginas, o sociólogo-jornalista, advogado e economista faz do leitor um cúmplice de suas ponderações e

angústias de leitor de tempos específicos: o seu próprio, ou seja, a contemporaneidade globalizada (que aflitivamente contrapõe), e épocas outras que não pertencem a ele e nem a nós, o atual leitor. Juntos, autor-crítico e leitor (este por vezes sobressaltado pelo detalhamento das revelações), acabam por montar uma análise clarividente.

Em *O Poliedro*, há percepções impregnadas de insurreição e rebeldia, denúncias feitas por Lucas em relação à pobreza cultural de segmentos da produção literária e comunicacional da atualidade. Mas ele por outro lado fomenta, dando esperança, o gosto pelas excelentes fontes de informação e pela criação poética a partir de um impulso depois aliado ao depurar técnico culto. Reconhece, inclusive, que a elite do saber clássico produz uma literatura estudada, referendada por cânones - inclusive e mormente voltada para si mesma: é aí que surge o Lucas valorizador do povo, do arsenal da arte regionalizada que tanto alimentou o Movimento Modernista no Brasil, a partir de 1922, na ilusão da unificação cultural nacional. Sem pedantismo, usando vocabulário acessível, o que atrai e encanta todo leitor interessado em ler e escrever, Fábio ainda descreve as causas das incomodativas “protuberâncias da cultura”, como os meios que só vendem. Baseia-se nos textos clássicos – dos autores entronizados – e revisita-os, pedindo que também o façam aqueles que ainda não conheceram bem Camões, Sartre, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa, Pedro Nava, Antônio Cândido, Henriqueta Lisboa, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, dentre dezenas de outros nacionais e estrangeiros, célebres ou não. Todavia, configura e explica uma preocupante realidade: os críticos profissionais –

o diapasão da análise e da recomendação abalizada - estão hoje ausentes da grande mídia brasileira. Fábio, porém, não desiste: exulta-se ao ressaltar consagrados autores já falecidos (homenageando-os e exortando-nos à sua leitura), vivos em sua declinação do texto perfeito – ou quase.

Fulgura em *Poliedro* o preparo teórico do autor – e esta é uma característica pessoal de Fábio Lucas que reflete no livro abordagens múltiplas. Toca-se na penumbra humana sob o escrutínio das ciências, como a História e a Sociologia. Para Fábio, é preciso entender a aculturada massa – mais vítima que força motriz – e a prepotência política – seja “de direita” ou “de esquerda” – que impede a livre expressão. Seja barroca ou desprovida – a forma literária pode configurar palavras em jorro poético, depois, gramatical, ensaístico e sempre crítico: todos merecem citação e respeito na ótica do educador-autor.

Mário de Andrade errou ao pensar o Brasil como uma cultura una, o que foi uma simplificação num território que corresponde a continente! Fábio Lucas acerta ao dar uma dimensão poliédrica e plural à sua constatação acerca da produção literária de qualidade no Brasil e no mundo. Suas faces poliédricas, alma que estremece na escrita, aparecem - ele reconhece – a partir da predisposição humana ao voo para fora da individualidade, desde os tempos das cavernas e da oralidade sem civilização.

Assim, Lucas expõe em várias passagens a importância do autor – do leitor e do crítico. É esta uma tríade indispensável à maturação e à trama da cultura de qualquer tempo, de qualquer localidade, de todo aspecto da evolução. Ele reconhece também a força da cultura popular – alento verdadeiro – mas con-



Divulgação

Fábio Lucas

dena o simulacro de massa que escraviza incautos por meio de uma escritura mais visual que literária, para consumo sem reflexão.

Fábio Lucas é talvez um dos últimos mestres e doutores do Brasil há meio século em plena heróica luta pública por um mundo melhor, e, para extrapolar este lugar comum – digamos que é um professor em pleno “esforço de ir além das aparências mais fortuitas, nada avaliando à distância, sempre a buscar sentidos nas camadas mais densas do substrato da cultura nacional, – em inquieta pesquisa vinculada às forças vivas do País”. *O Poliedro da Crítica* é um poema ensaístico e crítico de meia-fala (quando insinua poiesis pelo silêncio) e de fala direta (quando exemplifica e dá nomes aos que provavelmente não se laurear-se – e aos que julga que serão esquecidos).

Rogério Zola Santiago é Mestre em Crítica de Mídia e de Artes Plásticas pela Indiana University, USA.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia-2008
CANTO DO POETA - novo
Trovas: II Antologia-2008
ESPIRAL DE TROVAS - novo
Haicais: II Antologia-2008
HAICAIS AO SOL - novo

Opções de compra: Loja virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br
via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .

O ÚLTIMO DUELO

Paulo Bomfim

Quando terá ocorrido o último duelo em São Paulo? Foi em 1946.

Saímos do Cabaré OK, "Pirolim", "Gê", o "Seco" e eu. Fôramos ver a bailarina Felicitas dançar com o Artigas e assistir a uma apresentação de orquestra típica argentina. Tempos depois, Felicitas abandonaria o palco para se casar com um cacique xavante, o que foi assunto de reportagem da revista *O Cruzeiro*.

Às cinco da manhã, após a ceia no "Simpatia", saímos caminhando à procura de um fecho para a madrugada.

Alguém lembra que mulheres se faziam necessárias naquele grupo masculino; coisa difícil àquela hora em que os pardais principiavam a despertar o arvoredo da Praça da República.

Eis quando surge não sei de onde, provavelmente do "Caçamba" ou do "Tango da Meia-Noite", uma moça magrinha e decidida que se propõe a nos acompanhar.

Rumamos para o apartamento de "Pirolim", na Rua Sete de Abril, próximo aos "Diários Associados".

O dono da garçonnière nos colocava à vontade, dizendo que ia tomar banho, fazer a barba e sair para dar

instrução de vôo.

"Ge" cansado da noitada, adormece numa poltrona.

O "Seco" indaga:

– O que vamos fazer, somos dois e apenas uma mulher.

Na parede da sala, duas espadas cruzadas guardavam um quepe do CPOR do Ar.

Num momento, estávamos os dois sem paletó e sem camisa, a dar espadadas, lutando pela conquista da princesa prisioneira dos dragões.

Lembro do dia cinzento entrando pela janela, das fintas e dos afundos, e do tinir de metais que se cruzavam.

A dama da noite, de joelhos implorava:

– Não se matem por minha causa, eu sou de vocês dois!

Quando o cansaço venceu os duelistas, a moça havia desaparecido.

Hoje, deve ser uma mulher idosa contando aos netos:

– Há muitos e muitos anos, dois rapazes duelaram por minha causa!

E um dos meninos, certamente dirá:

– Essa vovó inventa cada coisa!

Paulo Bomfim é membro da Academia Paulista de Letras.

No Universo Ético com Raquel Naveira

João Barcellos

Os antigos sistemas da Ética tinham como base o bem-estar / felicidade [eudaimonia] e, é por isso, que a Educação – toda a Educação... - deve ter como eixo o Amor.

O que encontro, enquanto leitor e escritor, nas peças lítero-pedagógicas de Raquel Naveira, é esse Amor que demanda o bem-estar / felicidade para o Todo humano, e que, infelizmente, poucas pessoas se aventuram a concretizar.

A ação literária de Raquel Naveira está além da estrutura pseudo-didática imposta por políticas dogmáticas: na verdade, a professora-escritora posiciona-se com uma Ética deontológica que deve[ria] estar no cotidiano do Todo humano, mas não está.

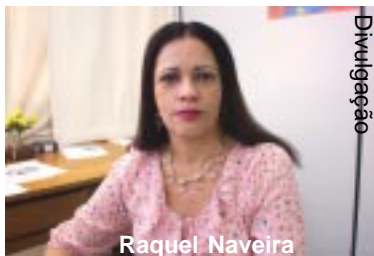
A circunstância desta professora-escritora tem um primado profissional e social: a poética, que move a

filosofia do Eu para os Outros e faz a mesma onda retornar para reflexões mais profundas, e daí a importância do Livro...

No âmbito do paradigma da nova Literatura lusófona, Raquel Naveira é um sinal, claro e inequívoco, da evolução cultural da Língua, pois não existe Nação nem Universidade sem um campus próprio entre a

Intelectualidade, mesmo quando a Universidade age como mero instrumento político-administrativo, ou, o 'canudo' a quem, o quiser!, como alertava Agostinho da Silva, e, hoje, alerta o filósofo Manuel Reis... Por isso ler e refletir com Raquel Naveira é ousar, estar para ser o Algo humano a tempo inteiro.

BARCELLOS, João é escritor e conferencista.



Raquel Naveira

Divulgação

A Arte de Caio em *O copo azul*

Nildo Carlos Oliveira

Os contos se sucedem – 20, no conjunto, 15 inéditos – como pequenos *flashes* do cotidiano, com um pormenor: sustentam-se na experiência de quem observa o entorno com os olhos de um viajante que mantém o espanto, mesmo diante de uma paisagem conhecida.

Esses pequenos flagrantíssimos poderiam dar a idéia de relatos que deixaram à margem a possibilidade de algum mergulho mais profundo na história explorada. Mas não é bem assim. Cada frase é uma sugestão. E, cada personagem, uma pessoa vivida, com seus traumas e idiosincrasias.

Vamos, assim, lendo esse pequeno livro do Caio (71 páginas, 68 de textos), publicado pelo Grupo Editorial Scortecci, e encontramos: "Sentado nesta cadeira, mais velha do que a minha idade, miro há dias o ponto distante." - "Tarde da noite. Tão tarde que a noite parecia não ter fim." - "Era o fim da rua. O fim do calçamento de pedras antigas." Num lance, as palavras desenhavam

o ambiente e traduzem o sentimento de solidão do homem que observa o vaivém do mundo.

"Unção", "O ponto", "A resolução", "Paz" – são contos minúsculos que, com *O copo azul*, documentam maturidade plena.

E, acaso, eles não estariam expondo o que o autor seria na intimidade? *A gota latejante* talvez, nesse sentido, seja o conto mais indiscreto: "Ocultava-se sempre. Não importava o dia, a hora se chovia ou se o sol reverberava no céu azul.". E, mais adiante: "Sempre só. A metade dele. Aquela metade era o seu todo, o seu visual".

A literatura é assim. Lembro o argentino Ricardo Piglia, que comparou a arte de narrar com o jogo de pôquer. Porque, segundo ele, todo o segredo consiste em parecer mentiroso quando se está dizendo a verdade.

Nessa arte de fazer o melhor, com o menor, Caio diz tudo. E só quem vive muito e observa tudo, pode contar o que ele conta, como se estivesse contando apenas um conto.

Nildo Carlos Oliveira é escritor e jornalista.



Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

1- Arriou ou arreou?

- Um desconhecido _____ a bandeira nacional e hasteou a do seu time.
- Um homem _____ as calças e foi o maior escândalo.
- O dono da casa _____ o muro, porque queria maior ventilação.
- O frei _____ a mula, montou-se nela e saiu.

R: a) arriou.

b) arriou.

c) Arriou.

d) Arreou.

Arriar = abaixar, descer.

Arrear = pôr arreios em uma cavalgadura.



2- Despercebido ou despercebido?

- Nenhum erro passava _____ daquele professor.
- O temporal me pegou totalmente _____ de capa ou de guarda-chuva.
- Ele é muito grande para passar _____.
- Um hospital totalmente _____ de aparelhos modernos.

R: a) Despercebido.

b) Desapercebido.

c) Despercebido.

d) Desapercebido.

Desapercebido – que não foi notado.

Despercebido = desprovido / que não foi notado.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Trajatória Triunfante de *A escrava Isaura*

Rui Ribeiro

Publicado pela primeira vez em 1875, *A escrava Isaura* vem alcançando um êxito perene, que já ultrapassou os círculos literários e as fronteiras do país. Acompanham o romance consagrado de Bernardo Guimarães, desde a gestação, fatos curiosos e por certo desconhecidos da maioria dos admiradores que conquistou ao longo de um século e fração de existência.

Para Armelino Guimarães – neto do romancista e autor do estudo “E assim nasceu a escrava Isaura” (1985) - a causa geradora do livro seria uma cena testemunhada pelo avô e comum à época da escravidão. Viajava o escritor, a cavalo, de Ouro Preto a Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), onde lecionava Latim e Francês. Surpreendido pela aproximação da noite, que se prenunciava fria, decidiu pedir pousada em uma fazenda localizada às margens da estrada. Desistiu porém do intento diante do triste quadro que presenciou: no lusco-fusco do entardecer, feitor robusto açoitava, com requintes de perversidade, um preto velho amarrado ao esteio do curral, enquanto uma mucama, de pulsos atados e olhos fixos no chão, aguardava resignadamente sua vez. A profunda comoção que sentiu fez com que interrompesse a viagem e retornasse ao lar, disposto a extravasar seu sentimento de repulsa. No caminho de volta, optou por escrever um romance duradouro ao invés da efemeridade de uma série de artigos para a imprensa. Disfarçaria o propósito abolicionista sob a capa de uma história sentimental. A figura central seria uma escrava, porém branca, visto que escrava negra não comoveria ninguém. Já com o plano delineado, Bernardo Guimarães chegaria em casa pela madrugada e, sem se dar o trabalho de desarrar o cavalo e desatar as esporas, se lançaria de ímpetos ao trabalho, só o interrompendo no anoitecer do dia seguinte.

Dados cronológicos sobre a vida do autor permitem concluir que *A escrava Isaura* foi concebido no casarão até hoje existente em Ouro Preto à rua Alvarenga números 794/800 (antiga rua das Cabeças, assim denominada por referência às cabeças dos enforcados por ação da justiça e que nela ficavam expostas.) Naquele edifício, erigido no século XVIII, nasceu e morreu Bernardo Guimarães, conquanto nele só tenha residido nos primeiros tempos da infância e nos últimos anos de vida. Em 1928 o prédio foi adquirido pelo Governo de Minas Gerais e cedido para uso da Sociedade Vicente de Paula, que nele instalou um asilo para idosos, transferido para outro local há poucos anos. Bastante danificado pelo tempo, o antigo solar foi afinal recuperado, para nele funcionar cursos de formação de oficiais, inclusive de restauração ministrados pela Fundação de Artes de Ouro Preto.

Levantamento realizado pelo pesquisador Israel Souza Lima que vem publicando a biografia dos quarenta patronos da Academia Brasileira de Letras, registra mais de uma centena de edições de *A escrava Isaura*, incluindo traduções para sete idiomas. A primeira edição chinesa ocorreu em 1984, numa tiragem de 300 mil exemplares. A popularização da obra naquele país deveu-se também a seu preço – 0,55 yen, equivalente à cerca de meio dólar - o que a tornou acessível a um número maior de leitores.

Há indícios fortes de que *A escrava Isaura* tenha sido transposto para o teatro. O primeiro deles, citado por Armelino Guimarães, estaria numa carta, datada de 26/08/1875 e escrita por Feliciano Duarte de Miranda, residente no Rio de Janeiro, na qual pede ao autor autorização para adaptar o romance ao palco. Em outra correspondência, de 14/12/1876, o próprio Bernardo Guimarães informa ao amigo Carlos José dos Santos já ter concluído “a composição dramática de “A cativa Isaura “ (nome primitivo da obra, mudado por ocasião da publi-

cação do livro). Não se tem entretanto notícias dos originais respectivos. Igualmente ignora-se o paradeiro de *A escrava Isaura*, drama em 4 atos – Porto Alegre, 1883, por Júlio César Leal, registrado por Sacramento Blake em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. O que se sabe de oitiva é que a peça foi exibida repetidas vezes em palcos de circos, através de adaptações anônimas, o que contribuiu para sua popularização.

O romance mereceu duas versões cinematográficas, uma em 1929 e outra em 1949, esta sob a direção de Eurides Ramos. Constam do elenco atrizes e atores renomados, como Fada Santoro, Cyl Farney e Sady Cabral. Fato digno de registro é que o Cine Odeon, do Rio de Janeiro, promoveu original avant-première da fita. Dedicou-a exclusivamente a todas as Isauras que, para obterem ingresso gratuito, bastava comprovarem a identidade. Registrou-se o comparecimento de nada menos que 2.000 homônimas da personagem principal do filme.

Não restam dúvidas contudo de que o interesse maior pelo romance

principalmente no exterior, deveu-se à sua adaptação para novela de televisão, feita em 1976 por Gilberto Braga e exibida em diversos países. Tanto que, nas traduções para o francês, alemão, húngaro e indonésio, a capa do volume reproduz imagem de Lucélia Santos, caracterizada como a escrava Isaura. Face ao seu desempenho no papel, a atriz foi convidada pelo Governo Chinês a conhecer o país, onde seria agraciada com o prêmio de melhor artista estrangeira.

De outubro de 2004 a abril de 2005, *A escrava Isaura* retornou ao vídeo em nova adaptação. Sua exibição revigorou o interesse pelo livro, cuja projeção e longevidade jamais poderiam ser imaginadas pelo autor ao iniciar sua concepção no silêncio da madrugada naquele casarão histórico da rua das Cabeças.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e membro da União Brasileira de Escritores.



Silêncio

João Abujamra

Repara como é teu encanto o silêncio noturno dos campos adormecidos. A natureza repousa. Já não cantam os pássaros nos galhos, nem o lavrador rasga a terra com sua charua pesada.

Olha o silêncio, no qual vozes misteriosas, que não nos ferem os ouvidos, nos dizem da beleza eterna que se abriga no seio fecundo da terra mãe, acolhedora e amiga.....

Olha o silêncio que se alonga e espalha, envolvendo em mantos invisíveis os campos férteis, que a natureza colocou no mundo pra gente admirar e ficar pensando nas forças divinas.....

Vês? Não parece estar o ar impregnado de um perfume estranho, um perfume ameno como o corpo de uma mulher bonita?

Não nos convida esse silêncio-presente dos Deuses – a meditar sobre a vida e a conceber sonhos fantasmagóricos?

Não se sente, nessas horas divinais, uma louca vontade de subir...subir e se misturar com o mundo invisível dos ares, a procurar aquilo que a gente nem sabe o que é?

Olha esse silêncio amigo, companheiro dos que sofrem, amigo dos poetas, bem supremo de tudo que há na terra, amigo sincero que confabula com a gente sobre os mistérios do mundo e das coisas.

Olha esse silêncio, no qual os poetas desabafam o drama íntimo que nós todos possuímos, mas que só a alguns é dada a glória de se expandirem e chorarem as ânsias todas que a mocidade encerra. Só a terra acolherá o sangue branco da alma dos que sonham e só o silêncio levará a Deus os soluços sufocados na garganta!....

Olha o silêncio e sonha indefinidamente.....

Olha o silêncio para sentires tudo o que sinto.

Olha o silêncio, amor, mas não me fales de amor nesta hora.....

Eu tenho a impressão que a terra despertará zangada, se não nos conservarmos em silêncio... a terra está sonhando...

É meia noite e em redor de mim tudo é silêncio inebriador...

João Abujamra é escritor, poeta, contabilista e político.



**Amigos dos
Bichos do CCZ**

Os Animais Agradecem.

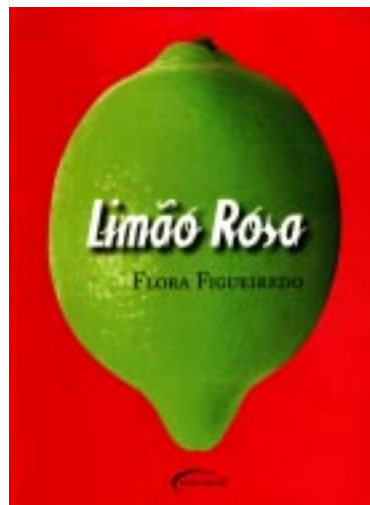
**Seja um voluntário ou
adote um bichinho no CCZ.**

www.amigosdoccz.com.br

Lançamentos & Livros

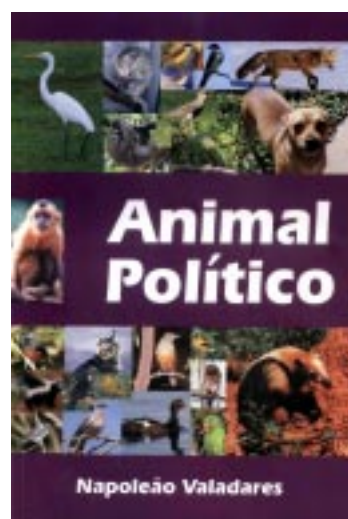
Limão Rosa, poemas de Flora Figueiredo, Editora Novo Século, São Paulo, SP, 72 páginas, R\$ 34.90. A autora, poeta, cronista, tradutora, publicitária, compositora, membro da Women Association of Journalists and Writers e da União Brasileira de Escritores, exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil. Segundo o jornalista e escritor Álvaro Alves de Faria, Flora Figueiredo descreve o que vê em sua volta e o que ocorre dentro de si, coisas que somente olhos atentos de um poeta podem notar.

Flora Figueiredo:
www.florafigueiredo.com - **Editora Novo Século:** www.novoseculo.com.br



O Conto Brasileiro Hoje, volume XII, RG Editores, São Paulo, SP, 144 páginas. A obra reúne uma gama de excelentes contistas como Ada Pellegrini Grinover, Adolpho Mariano da Costa, Alfredo Monteiro, Beatriz Helena Ramos Amaral, Belvedere Bruno, Caio Porfírio Carneiro, Flávia Guimarães, Hugo Alberto Cuéllar Urizar, Joaquim C. de Oliveira Lima Neto, Leônidas Dias, Lília Aparecida Pereira da Silva, Lúcio Flávio Maia Pinheiro, Maria Lúcia Pinheiro Paes, Maria Silvia Carneiro, Nanci Fernandes, Nazilda Corrêa, Rodolfo Konder, Sérgio de Freitas e Sônia Maria Lopes.

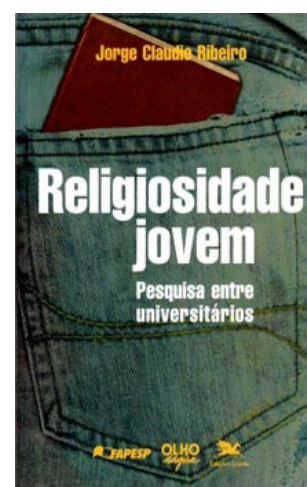
RG Editores: www.rgeditores.com.br Tel.: (11) 3105-1743.



Animal Político, peça de Napoleão Valadares, Ágil Gráfica e Editora, 64 páginas, Brasília, DF. O autor é membro da Associação Nacional de Escritores, da Academia de Letras do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. A peça, dividida em três atos, é uma interessante e bem-humorada história que tem como tema a política. O macaco, personagem principal, em sua campanha para Governador da Selva, faz promessas e oferece cargos e salários em troca de votos. Os animais discutem e analisam a plataforma política do candidato e o resultado das eleições é surpreendente. **Ágil Gráfica e Editora:** Tel.: (61) 3399-3753. E-mail: eac210159@gmail.com

Bom Deveras e seus Irmãos, crônicas de José Peixoto Junior, Editora Kelps, 121 páginas, Goiânia, GO. O autor é poeta, contista, membro da Associação Nacional de Escritores, da Casa do Poeta Brasileiro – Seção de Brasília e da União Brasileira de Escritores. Segundo Enéas Athanázio na apresentação da obra, o livro, rico em informações e casos curiosos, é um excelente documento sobre o cangaço, a vida sertaneja, sua história e seus costumes.

Editora Kelps: www.kelps.com.br – Tel.: (62) 3211-1616.

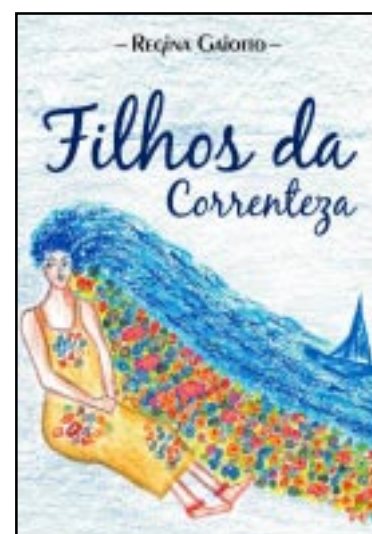


Religiosidade Jovem – Pesquisa entre universitários, de Jorge Claudio Ribeiro, 288 páginas, Olho D'água Editora, São Paulo. O autor é escritor, editor, jornalista, diretor-presidente da Editora Olho d'Água, professor titular de graduação e pós-graduação da PUC-SP e *visiting scholar*, na Columbia University de Nova York. A obra apresenta material abundante para entender, interpretar e atuar no campo religioso da juventude universitária e em outros espaços juvenis. Essa pesquisa beneficia os que se envolvem com a formação religiosa dos universitários e os próprios jovens, colocado-os diante de uma radiografia bastante completa de sua religiosidade. **Editora Olho d'Água:** www.olhodagua.com.br - Telefax: (11) 3673-1287.

Flagrantes do Viver, crônicas de Angela Togeiro, All Print Editora, São Paulo, SP, 80 páginas. A autora, poeta, novelista, romancista, contista e cronista, foi laureada com o *Prêmio de Contos Centenário Nelson Faria* da Academia Mineira de Letras, com a obra *Cavalo Alado*.

O livro reúne crônicas que foram premiadas em concursos e publicadas em antologias nacionais e internacionais, que visam à causa da paz universal.

All Print Editora: www.allprinteditora.com.br Tel.: (11) 2478-3413.



Filhos da Correnteza, poesia de Regina Gaiotto, 60 páginas, R\$ 39,00, Scortecci Editora, São Paulo. A autora trabalhou como bancária da Caixa Econômica Federal em Tietê (SP), foi homenageada como poeta em Cerquilha e Tietê e escreve para jornais da cidade de Tietê. Segundo Isabel Pakes, a obra traz meninices e sóis, vidas e lidas, quietude e anseios, chão e céu... Mundos e tempos. Graciosidade, encantos... Nada escapa à poesia de Regina Gaiotto. Na doce fluência de seus versos, ela vai do pó da terra ao pó de estrelas com a simplicidade e a leveza com que as crianças sorriem, contudo, em seus poemas há profundidades

a explorar... **Scortecci Editora:** www.scortecci.com.br

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589



Rodolfo Konder e Beatriz Amaral

Notícias

A **Cooperativa Cultural Brasileira** realizará, no dia 11 de dezembro, a *Conferência Livre de Cultura – I Encontro dos Profissionais da Cultura*. A iniciativa vem ampliar e fortalecer o debate em torno das propostas de mudanças para o setor. Informações e inscrições: (11) 3828.3447 conferencia@coopcultural.org.br.

As Canções de Vida Fu(n)dida, compostas pelo maestro, compositor e prof. universitário (de Música) Calimério Soares, do livro de Aricy Curvello, foram apresentadas no dia 24 de novembro, às 18:30 horas, no auditório da Casa de Rui Barbosa. A apresentação contou com a participação das artistas mineiras Vânia Lovaglio (canto) e Ruth de Souza (piano). O programa está no link http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01default.asp?VID_Secao=163&VID_Materia=1671

Nilson Araújo Souza, presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, lançou *Economia internacional contemporânea - da depressão de 1929 ao colapso financeiro de 2008*, pela Editora Atlas.

A **Associação Brasileira das Editoras Universitárias** aderiu ao Fundo Setorial Pró-Leitura, passando a doar 1% de sua receita de anuidades ao Fundo, contribuindo com as políticas públicas de incentivo ao acesso ao livro e à leitura no Brasil.

O **Site do Prêmio Vladimir Herzog** abriga os trabalhos vencedores dos prêmios *Vladimir Herzog de Anistia e de Direitos Humanos*. O projeto foi elaborado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e pelo Centro de Informação da ONU para o Brasil, em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo. www.premiovladimirherzog.org.br.

O **Encontro do Poetas Del Mundo do Estado de São Paulo**, que aconteceu no dia 21 de novembro na Casa das Rosas, contou com a participação do Diretor da Casa das Rosas Frederico Barbosa e do Presidente da Academia Árabe Brasileira de Letras Antoine Lascani, entre outros.

Beatriz Helena Ramos Amaral publicou o artigo *Estórias de Trancoso, de Augusto Sevá: Fios de Luz na Tela do Tempo*, na *Revista Germina*, disponível para leitura através do link http://www.germinaliteratura.com.br/2009/cinema_beatrizamaral_mar2009.htm

Miguel Barbosa, jornalista, teatrólogo paleontólogo e pintor português, foi agraciado com o *Prêmio Literário* da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. A entidade também prestou homenagem ao filósofo, poeta e conferencista francês Jean-Paul Mestas.

O **Sarau In Cantaria** acontecerá no dia 29 de novembro, domingo, às 18 horas, no Espaço Cultural Alberico Rodrigues, na Praça Benedito Calixto, 159, em São Paulo. O evento contará com a participação de Alberico Rodrigues, que interpretará uma cena da peça *Ze Batalha*, e da atriz Val de Oliveira. www.albericorodrigues.com.br

O **Olho de Hertzog**, de João Paulo Borges Coelho, foi a obra vencedora do *Prêmio Leya 2009*.

Putas Assassinas, obra do escritor chileno Roberto Bolaño, foi laureada com o *Prêmio Cunhambebe de Literatura Estrangeira*.

Frederic Amory, com a obra *Euclides da Cunha: Uma odisséia nos trópicos* foi o vencedor do *Prêmio Euclides da Cunha*.

A **Coleção Tatiana Belinky**, publicada pela Editora Rideel, reúne nove livros coloridos da autora. A coleção foi idealizada por Claudio Amadio.

Letícia Naveira, poeta, cantora, compositora e roteirista de cinema participou do *Sarau Quinta Poética* das Casas Rosas. Letícia musicou vários poemas de Raquel Naveira, sua mãe.

Flávia Savary, autora, ilustradora e dramaturga, com o texto de dramaturgia *O que Você Disse?*, foi laureada com o *Prêmio Janete Clair*

Augustina Bessa-Luís lançou *Vento, areia e amoras bravas*, pela Editora Peirópolis, com apoio do Ministério da Cultura de Portugal.

A **Livraria João Alexandre Barbosa**, da Editora da Universidade de São Paulo, foi inaugurada em outubro, no andar térreo do prédio da Antiga Reitoria. O espaço abriga cerca de 8 mil títulos, um café, lugares reservados para leitura e um estúdio de rádio para a gravação do programa *Conversas de Livraria*.

O **Blog do Galeno – Por um Brasil que Lê** abriga uma agência de notícias, artigos, textos e trabalhos de Galeno Amorim. Também é editado um boletim eletrônico com informações importantes sobre o livro e a leitura. <http://www.blogdogaleno.com.br/index.php>

Dimas Macedo lançou *O Discurso Constituinte*, pela Editora Fórum, no dia 5 de novembro, no Congresso Internacional de Estudos Constitucionais – O papel Institucional do Estado na Democracia, que aconteceu no La Maison buffet, em Fortaleza (CE).

O **Vale-Cultura**, criado através do Projeto de Lei nº 5.789/2009, que institui o *Programa de Cultura do Trabalhador*, foi aprovado na Câmara dos Deputados, no dia 16 de outubro. Trabalhadores de empresas privadas, que ganham até cinco salários-mínimos, receberão uma cota mensal de R\$ 50 para compra de livros, cds e ingressos. O Projeto tem que ser aprovado pelo Senado Federal.

Nuno Ramos, com o livro *Ó*, foi o vencedor do *Prêmio Portugal Telecom* e agraciado com a importância de R\$ 100 mil. A sétima edição do Prêmio laureou em segundo lugar, João Gilberto Noll, com *Acenos e Afagos*, com R\$ 30 mil, e, em terceiro, Lourenço Mutarelli, com *A arte de produzir efeito sem causa*, com R\$ 15 mil.

Luiz Gonzaga Bertelli, presidente Executivo do Centro de Integração Empresa-Escola e da Academia Paulista de História, proferiu a palestra *Anchieta, educador, poeta e evangelizador*, no dia 24 de novembro, terça-feira, às 8 horas, no Centro de Eventos de Barueri, Av. Pastor Sebastião Davino dos Reis, 672.

Zirardo em Cartaz, livro lançado pela Editora Senac Rio, reúne texto de Ricardo Leite e 40 cartazes de Zirardo produzidos nos últimos 50 anos.

A **Assembleia Legislativa** aprovou, no dia 7 de outubro, o Projeto de Lei 313/2008, de iniciativa do deputado João Mellão Neto, que autoriza o Poder Executivo a conceder auxílio financeiro aos Institutos Históricos e Geográficos.

As Oito Edições de O Homem do Povo, versão fac-símile do jornal criado e dirigido por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, foi lançado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Editora Globo.

Beatriz Helena Ramos Amaral, escritora que integra a Procuradoria Criminal, tomou posse no cargo de Procuradora de Justiça em sessão solene realizada, no dia 11 de novembro, no Auditório Simon Bolívar do Memorial da América Latina. A sessão foi presidida pelo Procurador Geral de Justiça, Doutor Fernando Grella Vieira. Beatriz recebeu a homenagem do Ministério Público de São Paulo das mãos do escritor e jornalista Rodolfo Konder. A solenidade contou com a presença de várias autoridades, entre as quais o Prefeito Gilberto Kassab, o Secretário de Negócios Jurídicos do Governo do Estado, Luiz Antônio Guimarães Marrey, que representou o Governador José Serra, representantes do Colégio de Procuradores e do Conselho Superior do Ministério Público.

Ave, Palavra!, antologia poética organizada por Ely Vieitez Lisboa, editada com apoio da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, Secretaria Municipal de Cultura, Instituto do Livro e do Pro Ler, foi lançada no dia 17 de novembro, na Sala dos Espelhos, no Theatro Pedro II, em Ribeirão Preto (SP). Rosani Abou Adal participa da coletânea com o poema *Poder e Magia*.

O **Vira Cultura** acontecerá das 9 horas do dia 28 de novembro até às 20 horas do dia 29 de novembro, no Conjunto Nacional, Av. Paulista, 2073, em São Paulo. Contará com uma vasta programação nas unidades da Livraria Cultura, nos corredores, no Cine Bombrial e na Academia Bio Ritmo.

O **Sarau Literário Piracicabano**, que é promovido por Ana Marly Jacobino, acontecerá no dia 8 de dezembro, na Sala 2 do Teatro Municipal de Piracicaba, das 19:30 às 21:30 horas.

A **ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL** - sede nacional outorgou o Título de "Doutor Honoris Causa" Em Filosofia Universal/Ph.I - Filósofo Imortal a Gabriel José Bicalho e José Sebastião Ferreira, que foram entregues pela presidente Andreia Aparecida Silva Donadon Leal.

O **Sarau da Casa** entrevistou os poetas **Cláudio Willer** e **Eunice Arruda**, no dia 14 de novembro. O sarau é aberto ao público, que pode recitar poemas próprios ou de outros autores.

Ana Maria Faccioli de Camargo, Márcio Mariguela e Regina Maria de Souza autografaram o livro *Que escola é essa?* no SESC Piracicaba. Mariguela, filósofo, mestre e doutor em Educação pela Unicamp, também traçou comentários sobre a obra.

O **Ministro da Cultura Juca Ferreira** e o Secretário de Estado da Cultura João Sayad anunciaram os 300 novos Pontos de Cultura de São Paulo, no dia 16 de novembro. Serão investidos R\$ 56 milhões, sendo dois terços da União (R\$ 36 milhões) e um terço do Governo do Estado (R\$ 18 milhões).